

## A ESCRITA MEMORIALÍSTICA DE SUSANA GERTOPÁN: REINVENTANDO HISTÓRIAS

Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro<sup>1</sup> (UFGD)

### Resumo:

O texto pretende refletir sobre relações de gênero e interculturalidade a partir da obra *El nombre prestado*, da escritora paraguaia Susana Gertopán. A narrativa em análise possibilita apreender a representação literária a partir do ponto de vista de uma autora feminina, descendente de judeus que imigraram para a América Latina, especialmente para Argentina e Paraguai, no período da Segunda Guerra Mundial. Após sobreviverem ao holocausto, os homens e as mulheres retratados por Gertopán necessitam recompor suas identidades, fragmentadas entre o desejo de se manterem fiéis à tradição judaica e à necessidade de interagir com o *Outro*. O narrador-protagonista, que na narrativa é o filho, traduz a angústia de não conseguir seguir a tradição judaica pregada por seu pai e, ao mesmo tempo, descortina ao leitor a fragilidade de seu pai frente à necessidade de interagir que uma cultura que não é a sua. Assim, a personagem Iósele, José, que depois passa a se chamar Alejandro, enquanto narra suas lembranças, apresenta as demais personagens e os conflitos que movimentam o enredo. O sujeito da diáspora necessita, portanto, se desconstruir, para, por fim, reconstruir-se em um novo território.

**Palavras-chave:** *El nombre prestado*, Diáspora, Memória

### 1 Introdução

Vivir es bailar sobre la propia tumba (*El nombre prestado*, p. 133).

Susana Gertopán é uma escritora jovem, nasceu em 1956, em Assunção-Paraguai. Descendente de judeus que fugiram da Europa durante a Segunda Guerra Mundial, a autora recria, em suas sete narrativas<sup>2</sup>, imagens do holocausto. Gertopán nasceu e cresceu em um bairro palestino em Assunção, e faz questão de afirmar, em entrevista concedida ao *Correo Semanal* (16/10/2010<sup>3</sup>), que suas obras, de alguma maneira, trazem as histórias que ouviu de seus avôs, de seus pais e vizinhos: “No concibo vivir sin la escritura, ausente de la creación. Escribí y escribo para sobrevivir” (entrevista ao *Correo Semanal*, 16/10/2010). Stefan Zweig corrobora com a ideia de que ficção e história se alternam nas obras de Susana Gertopán. Para ele, é um equívoco pensar que o escritor apenas inventa seus enredos. Ou seja, os enredos também nascem da interpretação que o artista faz da realidade que o cerca:

La verdad es que en vez de hallar e inventar sólo tiene que dejarse hallar por figuras y acaecimientos que sin interrupción lo buscan para que vuelva a contarlos, siempre que haya conservado la capacidad superior de la visión y de la atención. Aquel que se há esforzado a menudo en interpretar algunos destinos, recibirá de muchos el testimonio de su sino (ZWEIG *apud* GERTOPÁN, 2005, p. 07).

A maneira com que Zweig observa o texto de Susana Gertopán encontra respaldo na própria

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD-MS.  
[alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br](mailto:alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> A escritora paraguaia Susana Gertopan escreveu, até o ano de 2012, sete narrativas intituladas por ela de novelas: *Barrio Palestina* (1998); *El nombre prestado* (2000); *El retorno de Eva* (2004); *El otro exilio* (2007); *El equilibrista* (2009); *El calejon oscuro* (2010); *El guardián de los recuerdos* (2012).

<sup>3</sup> [http://www.123people.es/ext/frm?ti=personensuche%20telefonbuch&search\\_term=susana%20gertopan&search\\_country=ES&st=suche%20nach%20personen&target\\_url=http%3A%2F%2Fwww.ultimahora.com%2Fnotas%2F368739-Correo-Semanal%3A-La-voz-de-la-inmigracion-judia&section=bing&wrt\\_id=343](http://www.123people.es/ext/frm?ti=personensuche%20telefonbuch&search_term=susana%20gertopan&search_country=ES&st=suche%20nach%20personen&target_url=http%3A%2F%2Fwww.ultimahora.com%2Fnotas%2F368739-Correo-Semanal%3A-La-voz-de-la-inmigracion-judia&section=bing&wrt_id=343).

voz da escritora que, em entrevista concedida a mim em junho de 2012, afirmou se sentir como porta voz de seus antepassados, daqueles que morreram sem poder contar como foi difícil a adaptação em outro país e como foi dolorosa a perda de seus entes queridos durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais:

Los amigos de mis abuelos eran todos europeos y todos hablaban solo el yiddish, algunos eran ya sobreviviente del holocausto entonces, durante las reuniones, que siempre se daba en las tardes, mis abuelos traían una silla pequeña en la que yo me sentaba a oír las historias que ellos contaban. El principal era Europa, lo que pasaron en la guerra, cómo se salvaron, porque todos ellos no querían hablar de eso con nadie más que entre ellos mismo. Ya que contando a otros despertaban los recuerdos y los dolores. Todo ese registro fue el que en algún momento yo denuncié escribiendo sobre esas historias, y es ahí en esa pieza con mis abuelos cuando yo me vuelvo escritora porque las paredes del cuarto estaban revestidas de fotografías de muertos, pero a pesar de ello, había mucha vida, también. Era como una mezcla entre lo presente y lo pasado, el dolor y la alegría no había un proyecto de nada, y bueno y entonces yo empezaba a vivir la historia de esa gente, también era una manera de invadirme siempre yo digo que la arte salva por transmitir, de alguna manera diferente, ciertos dolores ciertas angustias liberal no se queda uno con esa cosa que finalmente tendría esa palabra sin luz (entrevista anexa).

As histórias que a marcaram, portanto, dão vida às suas narrativas. Os personagens e suas angustias são inspirados nos narradores reais que marcaram a sua infância. Enquanto recria a vida e os sentimentos dos judeus em Assunção, Susana Gertopán também recria a sua história como neta e filha de judeus tradicionais. A temática central das obras de Gertopán é o exílio daqueles que necessitaram fugir do holocausto. A escritora permite discutir, de maneira significativa, as representações da diáspora judaica no período das duas grandes Guerras Mundiais e, ao mesmo tempo, permite analisar outras questões que advêm da diáspora vivenciada pelos judeus: o conflito para aceitar a cultura do país que os acolheu, a necessidade de preservar a tradição religiosa, a dificuldade das novas gerações em pensar sua identidade. Como descendente desse exílio, ao narrar, a autora também trata de si e de seus conflitos, buscando compreender a(s) identidade(s) que a constitui.

Susana Gertopán deseja ser a porta voz das histórias que ouviu durante o tempo que viveu com seus avós. Ao final, não trata apenas do que ouviu, mas sim, do que viveu, uma vez que pertenceu à geração nascida no Paraguai, dividida entre o compromisso com a tradição de sua família e o envolvimento com o seu país de nascimento. Rememorar, nesse caso, significa a possibilidade de superar os discursos do passado e de se situar no presente:

A memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social. É este que permite a *reconstrução de memórias*, pois quem desaparece é o indivíduo e não o grupo. Essa dimensão social da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo (FELIX, 1998, p. 42).

Rememorar é uma forma de se reconstituir. O sujeito que rememora tem a maturidade do tempo e do olhar daquele que já não é mais o sujeito do passado. Na trilogia de Susana Gertopán, a memória é o ponto de partida para representar o sentido da diáspora daqueles que necessitaram fugir do holocausto. Ao mesmo tempo, rememorar contribui para que as protagonistas de *El barrio Palestina* (1998), *El nombre prestado* (2000) e *El retorno de Eva* (2003) compreendam as atitudes de seus antepassados e para que se percebam, também, como sujeitos de múltiplas identidades.

*El nombre prestado*, narrativa *corpus* da presente reflexão, trata do sujeito obrigado a se afastar de sua família e de sua pátria. Dele, não se pode esperar a mesma reação como daqueles que escolhem mudar de país. A diáspora involuntária é como uma expulsão daquilo que o sujeito acreditava ser seu. A diáspora dos judeus, em especial a que ocorreu durante as duas Guerras

Mundiais, tem outro elemento, que é a dor de ter sobrevivido enquanto filhos, filhas, esposas, maridos, pais, mães e demais familiares ficaram para trás, entregues à sorte dos campos de concentração. Estar vivo, nesse caso, é por si uma contradição. Como se vive quando aqueles que amamos morreram? Estar vivo não seria uma traição com os que não escaparam do holocausto? Como viver no novo país sem perder as tradições judaicas? Como aprender a língua do novo país sem perder a sua própria? Em todas as narrativas de Susana Gertopán, as personagens parecem tentar responder a essas perguntas. A tradição e a sua ruptura estão ilustradas nos conflitos entre as gerações. Se para os mais velhos (pais, mães, avôs e avós) o melhor é se proteger em *guetos*, para os mais novos (filhos e filhas), a vida está do lado de fora, nas ruas.

A língua falada por eles pouco contribui para as relações que se estabelecem fora dos *guetos*. Assim, a escolha por viver em pares é, de certa forma, uma maneira de se sentir em casa. No fundo, vivem pela esperança de um dia poder retornar ao seu país. Ao final, dão-se conta que o retorno apenas existiu nos momentos em que, juntos, rememoravam o passado. Stuart Hall empresta as palavras de Chambers para tentar compreender a importância da memória para os sujeitos que não podem mais voltar para casa:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e "autenticidade", pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da "floresta de signos" (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias ("reliquias secularizadas", como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos...(CHAMBERS, Iain *apud* HALL, 2003, p.17).

O texto destacado por Stuart Hall permite compreender também os conflitos das personagens vivenciados pelas personagens de Susana Gertopán. Eles não podem mais voltar para casa, mas sentem-se nela quando rememoram. A memória do seu lugar de pertencimento traz a dificuldade de se integrar no novo país, com seu costume e sua língua. O conflito principal da narrativa *El nombre prestado* está no desejo dos mais velhos de que a nova geração sinta-se parte dessas memórias.

Assim, entre a cobrança dos pais e a aspiração pelo novo, os que nasceram no Paraguai também vão se constituir como sujeitos de contradições. Os jovens se afastam da cultura judaica, mas não desejam se afastar de seu pai e de sua mãe. Sentem-se impelidos a compreender a atitude dos mais velhos, afinal, eles sofreram o antissemitismo, eles perderam seus familiares para a guerra. A maior parte das personagens jovens, inclusive, se associa ao sionismo e muda-se para Israel com o objetivo de contribuir para a volta dos judeus espalhados pelo mundo. Mas acabam por reconhecer que essa busca não pertence a eles. Para os jovens, o melhor é "buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos", conforme as palavras de Iain Chambers.

Em *El nombre prestado*, Susana Gertopán cria a personagem Iósele, José, que depois Alejandro, como prefere ser chamado. Esse personagem-narrador é o responsável por rememorar a história de sua vida e de sua família. Enquanto narra suas lembranças, apresenta as demais personagens e os conflitos que movimentam o enredo: a incompatibilidade de ideias entre ele e o pai; a dificuldade em se entregar a um amor; o sentimento de não pertencimento. No momento em que narra, o protagonista é um homem de 50 anos, jornalista, professor universitário e escritor. Vive sozinho, para angústia de seu pai, que não aceita o fim de seu casamento com Sofia e o relacionamento com Laura, uma enfermeira não judia. O conflito entre pai e filho vai tecendo as lembranças do passado. Enquanto tentam se compreender, conduzem os leitores aos horrores da Segunda Guerra Mundial e representam os diferentes exílios daqueles que conseguiram escapar: o exílio geográfico, o cultural, o religioso e o linguístico.

Até o final da narrativa, acredita-se que *El nombre prestado* se referia a Iósele, que, renegando a cultura judia e a própria família, troca seu nome por Alejandro. Todavia, o título também está relacionado ao seu pai, que, para fugir de um campo de concentração, veste as roupas e usa os documentos de um soldado nazista morto em combate. Envergonhado, sentindo-se um traidor dos judeus e de sua família, prefere trocar seu nome: Elías Kohenz passa a se chamar Haim Polniaskyn. A frieza do pai para com o filho, a dificuldade de conversar e demonstrar sentimentos e a insistência para que o filho perpetuasse a tradição judaica pode, ao final do enredo, ser compreendida pelos leitores.

A obra permite acompanhar, pelo conflito entre pai e filho, a tentativa de preservar a sua tradição da influência da outra cultura. Como aponta Vieira (2001), a interculturalidade não é um processo harmonioso, no entanto, no caso dos imigrantes judeus representados pela ficção de Gertopán, essa dinâmica se torna ainda mais complexa. Salvos do holocausto, eles se consideram os responsáveis por preservarem a sua cultura. Pais, tios, avôs estão mortos, assim, para os que conseguiram fugir para a terra estrangeira, preservar a tradição é preservar a memória daqueles que não sobreviveram. Dentro de uma dinâmica própria dos judeus, como a proibição do casamento com o não judeu e as tradições religiosas, os que sobreviveram ao holocausto tentam manter seus preceitos.

O pai de Iósele ainda teria um motivo a mais para exigir do filho a preservação da tradição judaica. Ele, para fugir da morte, aceitou romper os muros e aceitou o sobrenome de um alemão nazista. Para ele, preservar o muro simbólico entre as duas culturas, latina e judaica, representava quase que uma luta, uma razão para se manter vivo, e uma forma de não se despir, novamente, de sua identidade judaica. A figura do filho, por sua vez, acaba simbolizando a nova geração. Aquela que mostra ser impossível a preservação do muro. É preciso rompê-lo, é preciso se relacionar com o latino. No final, mesmo se casando com uma não judia, Iósele compreende seu lugar: ele é a síntese de cada cultura. É filho de judeu, decide preservar a língua dos antepassados e volta a se reconciliar com os ritos religiosos. Mas ele também é latino, nasceu no Paraguai, estudou em escolas paraguaias, presenciou a ditadura política daquele país. É preciso buscar a síntese dessas duas trajetórias, mas o processo não é harmonioso. Lembramos o texto de Vieira (2001) para pensar que, mesmo reconhecendo-se como integrante das duas culturas, o protagonista sente a necessidade de refletir sobre a diferença entre elas e de se fazer aceito por ambas.

Alejandro troca de nome, mas não alcança a independência que procurava. O que essa atitude consegue é ferir seu pai, homem devotado à cultura judaica. É importante lembrar também que o nome para os judeus é algo extremamente significativo. Nome é a marca da tradição, é a forma de manter vivo os seus antepassados. De acordo com a religião judaica, é considerado judeu o indivíduo nascido de mãe judia. Apesar disso, se o pai também for judeu, será ele o responsável por transmitir ao filho o seu sobrenome e, conseqüentemente, a sua linhagem:

[...] segundo a tradição rabínica, a criança herda o *status* de linhagem ou status tribal do pai, podendo ser um *Cohen*, de origem sacerdotal, um *Levi*, auxiliares dos sacerdotes no Templo de Israel ou um *Israel*, as outras populações judias. A linhagem define hierarquia, posições, papéis e relações sociais que hoje se circunscrevem ao âmbito religioso, mas incluem certos privilégios e interdições entre os mais religiosos ou ortodoxos (GALINKIN, 2008, p. 94).

Apenas no final da narrativa, Alejandro conseguirá compreender seu pai e, conseqüentemente, a si mesmo. Após se reconciliar consigo e com sua história, o protagonista sente-se preparado para escrever as suas memórias. Enquanto escreve, reflete sobre suas atitudes, seus medos e sua timidez, essa última atribuída à relação tumultuada com a família. O medo e a covardia ele atribui à sua experiência com a ditadura militar no Paraguai: “Era um ressaio de covardia que nos quedó a todos aquellos que crecimos bajo la presión de las dictaduras de los gobiernos militares” (p. 18).

O protagonista também é um indivíduo que descuida de si e de seus pertences como se a desordem externa fosse reflexo de seus conflitos interiores: “Todo a mí alrededor estaba en total

descuido. Intenté poner orden, pero por más que trataba no era posible arreglar aquel departamento. El desorden llevaba años. Algunos objetos estaban envueltos en una capa de polvo y cubiertos de telarañas” (p. 21). O pó dos objetos e as teias de aranha podem ser tomados como metáforas para significar o tempo que Alejandro passa fugindo de si. Ele prefere viver de forma superficial, sem encarar os seus sentimentos. A visita do pai, o que ocorre apenas uma vez por ano, obriga-o a reencontra-se consigo, tirar o pó que cobre suas emoções para revolver os conflitos. Alejandro é contraditório, deseja a aprovação paterna, mas também deseja estar longe de seu pai, deseja renegar a tradição judaica mas, antes de trocar de nome, vai à Israel onde integra um grupo de sionistas:

Entonces mi interés estaba depositado únicamente en la idea de ir a vivir a Israel, y particularmente en el sionismo, aquel movimiento deliberación cuyo objetivo era llevar a cabo el retorno de los judíos a su país y restaurar allí la vida nacional judía: social, cultural, económica y política (p.38).

Após a morte da mãe, volta ao Paraguai e, mais uma vez, tenta se esquecer de sua identidade judaica. O capítulo quinto é muito significativo para pensar a personagem do protagonista e seus anseios. Tocado por uma das discussões com o pai, que o acusa de não saber o que é estar vivo depois de ter visto a morte, Alejandro recorda-se do amigo Javier, um jovem corajoso que foi morto durante a ditadura militar paraguaia. A pedido do pai de Javier, Alejandro e outros amigos vão reconhecer um corpo que a polícia supostamente encontrou na rua e que possivelmente seria de Javier. Depois de ouvirem a explicação do policial, os amigos entram em uma sala sombria e lá avistam o amigo:

En la camilla, desnudo, estaba el cuerpo de Javier, asesinado. Me pareció estar oyendo música clásica, fuerte, a todo volumen, como para esconder los gritos de dolor de Javier Ponchelli. Recordé a los nazis y recordé la música de Richard Wagner sonando en los parlantes. Apreté los dientes, y mordí. Mordí con fuerza, mordí mi rabia. Mordí el vacío, mordí la nada (p. 65).

A cena o acovardou. Voltou para casa e nunca escreveu um texto crítico sobre a ditadura militar, como fazia seu amigo, agora morto. O pai não estava certo, ele tinha visto a morte, não vivenciou o holocausto, mas foi marcado por outras atrocidades históricas que lhe deixaram a covardia como herança. Mesmo quando vai a Israel integrar o grupo sionista, Alejandro é movido pelo medo de presenciar a morte da mãe, que estava com câncer, e não pelo ideal de reintegrar o povo judeu.

O protagonista que rememora pode, por fim, compreender que por mais que procurasse se distanciar da tradição judaica, sentia-se integrado a ela. Ele lembra que durante a comemoração do ano novo judeu, na casa da tia Jane, sentiu-se emocionado por estar no grupo e, nesse momento, vê-se impelido a refletir sobre sua identidade: “¿Qué escondía yo en mis negaciones?”. Alejandro seria o exemplo do sujeito moderno, com identidades contraditórias. Stuart Hall alerta para o fato de que não é mais possível ter uma “confortável” definição sobre nossa identidade:

(...) Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direcciones, de tal modo que nossas identificaciones estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cómoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2006, p. 13).

Alejandro é um exemplo desse sujeito, cuja identidade é revista continuamente a partir dos lugares e das culturas com as quais se identifica. Por isso o protagonista pode ser filho de judeu, sem deixar de ser paraguaio. Ao tomar consciência de que é constituído por identidades cambiantes, o protagonista sente-se seguro por narrar a sua história e a história de seu pai. Antes de atingir essa maturidade, o desejo de definir-se em uma identidade provoca as constantes discussões com o pai e as suas crises internas o deixam vulnerável. Apenas no final da narrativa, quando se dá a revelação de seu pai, o protagonista conquista a tranquilidade e passa a conduzir, com segurança, sua vida. A identidade que ele procurou ao se associar ao sionismo, ao trocar de nome, ao casar-se e ao se

separar de uma mulher judia não poderia ser percebida sem a solução dos conflitos que por tanto tempo o acovardaram. Compreender ao pai e à sua história possibilitou ao protagonista a definição de suas identidades. Ao compreender as angústias do pai, compreende, portanto, suas próprias contradições, reconhecendo-se como um sujeito de complexas identidades. Já não é mais um covarde, já pode terminar sua novela e se envolver com Laura.

### **Relações da diáspora: identidades em (des)construção**

A relação conflituosa entre pai e filho é, sem dúvida, o que move o enredo da obra *El nombre prestado*. O pai é o sujeito da diáspora, que sofreu o antissemitismo e a perda de sua família para a Guerra. Haim deseja ver assegurada no filho a continuidade da tradição judaica. Mas Alejandro recusa essa tarefa. Ele nasceu no Paraguai, os traumas da diáspora são de seu pai, não dele. Deseja, portanto, construir sua identidade sem a interferência paterna. Como o protagonista argumenta com seu pai, “-*Un judío puede pensar de distintas manera. Eso no hace la diferencia entre uno u otro*” (p. 165).

No início da narrativa, quando ocorre a primeira conversa entre pai e filho, o leitor já é introduzido no conflito que move essa relação. O pai telefona para perguntar se podem estar juntos no *Rosh Hashaná*, o ano novo judeu. Durante o telefonema, cobra que o filho acenda as velas e reze a Deus. Alejandro o lembra de que vive sozinho e que a vela deve ser acesa por uma mulher:

-Papá, las velas del viernes las prenden y las rezan únicamente las mujeres, y acá no hay ni una sola mujer. ¿O no te acuerdas que vivo solo? Además está escrito: “Sólo a través de la mujer las bendiciones de Dios son concedidas a una casa” (p. 10).

A recusa por acender as velas desencadeia uma grande discussão, em que o filho é acusado de ter se separado de sua esposa e de rejeitar a religião judaica. Em pequenos detalhes, marca-se a diferença entre pai e filho. Quando Alejandro diz ao pai para ligar avisando o horário em que chegará percebe-se o quanto no segundo acentua-se a tradição e, no primeiro, a abertura para o novo. A proposta de que o pai deixe um recado na secretaria eletrônica é assim rechaçada: “- Si no estás, yo te vuelvo a llamar, yo no hablo con máquinas, hijo” (p. 11). As duas personagens servem para exemplificar a teoria de Stuart Hall. Nesse sentido, o pai seria o sujeito conservador, que se define pela forma tradicional de se pensar a identidade: ele é judeu e ponto. O filho seria o sujeito moderno, de identidades fragmentadas: é filho de judeus, mas também é paraguaio; aprendeu a tradição judaica, mas também aprendeu a cultura paraguaia. O pai exige que Alejandro se defina conforme o esperado para o filho de um judeu. Alejandro, por sua vez, reconhece-se como um sujeito em crise (Cf. HALL, 2006).

Depois da ligação, o protagonista passa a descrever o caráter intransigente de seu pai. Convencê-lo de algo era o mesmo que “crer que el Mesías estaba por llegar” (p. 12). O anúncio da chegada do pai aflige Alejandro, porque ele já sabia como seria durante o tempo que passariam juntos. Conforme aponta o narrador-protagonista, todas as suas escolhas foram reprovadas pelo pai. Do fragmento acima, tem-se a ideia de um pai frustrado porque não se reconhece nos caminhos elegidos pelo filho. Aquele que deveria ser a continuidade do pai age como se não tivesse nenhuma relação com ele, sentimento reforçado com a mudança do nome. O sobrenome indica também que todas as gerações estarão preservadas por esse novo indivíduo. Esse é um conflito muito bem representado na narrativa. Assim, é compreensível que a troca do nome do protagonista seja um dos maiores motivos de discussão entre os dois. Por outro lado, apesar de negar a tradição judaica e de ter trocado de nome, o protagonista não rompe totalmente com o lugar onde foi criado. Após a morte de sua mãe, o pai deixa a ele o apartamento em que viviam e se muda para um bairro mais afastado. Para se afirmar diante de sua alteridade, os judeus que chegaram no Paraguai no período das duas Guerras Mundiais reúnem-se em grupos, formando bairros quase que exclusivamente

ocupados por judeus, como se observa na descrição de Alejandro. Em entrevista<sup>4</sup>, Gertopán também descreve o bairro onde cresceu: “En toda esa cuadra viven, mayormente todos judíos, y se convierte como en un pequeño guetto”.

O narrador poderia ter saído desse *gueto*, poderia ter cruzado a avenida para se integrar a bairros onde a presença dos judeus não fosse tão marcante. No entanto, decide ficar ali enquanto resolve seus conflitos. A alteridade de Alejandro é seu pai, de quem ele deseja se distanciar: “Él un anciano solo, queriendo mantener vivo al judaísmo en mí, su único hijo, y yo un hombre también solo buscando un espacio de libertad” (p. 20). A dicotomia parece ser necessária para reforçar, no filho, a recusa por ser como o pai. Em contrapartida, o narrador-protagonista tem a consciência de que a alteridade que ele tenta recusar é seu pai e é preciso, ao menos, tentar respeitá-lo. Quando se aproxima o dia da chegada do pai, por exemplo, esconde tudo o que não é judeu: “Faltaba controlar que en la heladera no hubiera restos de jamón ni de ninguna otra comida que no reuniera la pureza ritual de un alimento” (p.20).

Percebe-se que pai e filho são de personalidades fortes. Nesse jogo, o filho tem a vantagem de ser o narrador. O pai, assim, se apresenta sob o ponto de vista de Alejandro. É o protagonista quem descreve a forma intransigente com que o pai reagia às suas escolhas. É o narrador-protagonista quem seleciona as falas no intuito de provar ao leitor que se trata de um velho de difícil trato. A exemplo disso, há o discurso de Haim quando se depara com o apartamento do filho: “-¡Íósele! Tu departamento se ve muy triste, necesitas poner algunas plantas, darle color, vida. [...]. Dios mío, cuando yo y tu madre vivíamos en este lugar, todo se veía distinto, y después, cuando te casaste con Sofía también se veía lindo, limpio y muy agradable” (p. 29).

O filho é acusado de não ter consistência em suas escolhas. Enquanto o pai fala a partir do que viveu, o filho, em sua concepção, fala a partir de ideologias de quem não passou fome, medo e a dor de perder quase todos seus familiares. No entanto, Íósele experimentou o medo e a morte de perto em decorrência da ditadura paraguaia, fato desconsiderado pelo pai. É ele quem reconhece o corpo do amigo, estudante aliado a grupos opositores ao governo. A voz paterna o acusa de não ter vivido os horrores do holocausto, mas ele viveu outros horrores e enfrentou o medo da morte também.

A experiência do filho é negada pelo pai, numa reação automática de quem nega o outro lugar, aquele que não reconhece como seu. Até o final da narrativa, o leitor é levado a acreditar que *El nombre prestado* se referia a Íósele, que, renegando a cultura judia e a própria família, troca seu nome por Alejandro. Todavia, o título, como já dito, também está relacionado ao seu pai que, para fugir de um campo de concentração, se veste de soldado nazista e assim, envergonhado, sentindo-se um traidor dos judeus e de sua família, prefere trocar seu nome: Elías Kohenz passa a se chamar Haim Polniaskyn. A frieza para com o filho, a dificuldade de conversar e demonstrar sentimentos e a insistência para que o filho perpetuasse a tradição judaica pode, por fim, ser compreendida: ao acusar Íósele, Elías Kohenz acusa a si mesmo.

Como síntese dessa relação conflituosa, percebe-se o desespero da figura paterna em não **se reconhecer** no filho, de não perceber nele a sua identidade, a sua língua. No filho, acentua-se a sensação do não pertencimento, da procura por uma identidade que o defina. No início da narrativa, após o pedido do pai para passar a festa de *Rosh Hashaná* com ele, Íósele reflete sobre a difícil convivência estabelecida entre eles:

Cada vez que él me visitaba para mí significaba un desgaste físico y emocional enorme y después de su partida quedaba exhausto. Siempre discutíamos sobre lo mismo, mi profesión, mi trabajo o mi estado civil, ya que él nunca aceptó que yo, siendo un sociólogo, carrera que tampoco entendía de qué se trataba, me ganara la vida dando cátedras de literatura y de filosofía en una universidad, o también que después de haber estudiado periodismo, trabajara como columnista cultural en un diario vespertino poco leído. [...]. Tampoco entendía mi fuga de la religión (p. 12).

---

<sup>4</sup> A entrevista foi concedida no dia 29 de junho de 2012 e se encontra transcrita ao final desse livro.

No fragmento acima, é possível desenhar o perfil do protagonista: professor universitário, formado em sociologia e que já não se identifica com a cultura judaica. O narrador-protagonista apresenta-se em um tempo presente aos leitores. O tempo em que passa a rememorar o passado, buscando nele pistas que o permita compreender os conflitos atuais. Na viagem ao passado, reconhece-se no menino Iósele e no sentimento de estranheza em relação ao pai. Entre Iósele e Elías ficava o vazio de não conseguirem preencher a expectativa um do outro. O pai, ausente durante sua infância, desejava agora se fazer presente, impondo regras como se o homem de cinquenta anos fosse a criança a quem ele, por tanto tempo, esqueceu. A voz do pai é enfática: “Iósele, lo que necesitas es una mujer, una esposa. Sofía era una buena mujer, una esposa ejemplar. ¿Cómo te cuidaba! Igual como hacía tu madre”. Ao provocar Iósele, a intenção parece ser sempre a necessidade de convencer o filho de que ele é judeu:

- Mira, Iósele. ¿Sabes quién soy yo?
- ¡Papá! Por supuesto que lo sé, un sobreviviente de la Segunda Guerra Mundial, un hombre que se salvó de morir en un campo de exterminio.
- Además de eso, Iósele, yo soy también un sobreviviente del *yiddishkai*, esa tradición judía que se está perdiendo, y que tú rechazas. Soy un sobreviviente, del trajín del tiempo, ese tiempo que se encarga de matar y de engendrar, de crear y sepultar. Ese es el tiempo del mundo, Iósele (p. 44).

A citação acima permite pensar em outro ponto muito importante, o pai se vê como um sobrevivente e assume a responsabilidade de ser o guardião desse povo. Uma das formas encontradas de preservar essa tradição seria pela manutenção da língua, tema sempre discutido por eles:

- Papá. No te entendo, deja de hablarme en *yiddish*. ¿Porqué no hablas en castellano?
- Mi padre continuó en castellano.
- ¿Por qué tú no hablas *yiddish*?
- Porque no lo sé.
- Estudia, así, como lees y estudias tantas cosas, tantas tonterías que no te sirven para nada, estudia mejor ese idioma que es el de tu antepasados.
- [...].
- El *yiddish* ya no existe – dije-, se convirtió en un dialecto que hablan solamente los judíos de la diáspora.
- ¿Qué? ¿Qué dices? El *yiddish* sigue siendo un idioma, un idioma de tradición, es la lengua que habla el judío (p. 52).
- [...].
- ¡Cómo que no lo sabes hablar! Si te criastes en un hogar donde sólo se hablaba en *yiddish*.
- Papá, por favor, me olvidé del *yiddish*, así como tú te olvidas que yo soy escritor, que soy periodista, que trabajo con la palabra, que la palabra es mi única herramienta de trabajo, el *yiddish* es una lengua muerta. Ya no existen escritores que la utilicen, ni lectores que la lean. ¿Entiendes? (p. 72).

O que representa a afirmação de que se trata de uma “língua morta”? No conflito entre pai e filho, o que parece ter se perdido é o sentimento de pertencimento do segundo. No caso da obra *El nombre prestado*, o protagonista sente a necessidade de expressar ao pai que a língua dos judeus e a tradição contida nela não faz mais sentido para ele. No fragmento a seguir, deixa claro que entre filho e pai existe a distância de gerações:

- Sabes, papá, venimos de generaciones distintas, tú naciste en Polonia, en otro ambiente, te criaste en otra cultura, con otros principios, tu entorno era distinto al mío, con otro idioma. Te enfrentaste desde muy pequeño al hambre, a la persecución, a la represión, al antisemitismo. Viviste, una guerra, te salvaste, perdiste a toda tu familia (p. 58)

Para o pai, é imperdoável que o filho tenha se esquecido de sua língua. Ele, o pai, viveu a maior parte de sua vida no Paraguai, mesmo assim, utiliza o castelhano apenas para os momentos

extremamente necessários. Falar o *yiddish*, nesse sentido, é uma forma de fortalecer a tradição judaica dos imigrantes. A língua é um traço tão significativo que, para o pai, a recusa do filho em falá-la implica a não aceitação da cultura judaica.

Nas palavras de Iósele, apresenta-se o sentimento do imigrante judeu representado nessa narrativa. Na América, construíram muros para se proteger da cultura latina. Obrigaram os filhos a preservarem sua língua e sua tradição. O conflito que marca o enredo de *El nombre prestado*, portanto, é causado pelo filho, que decide ultrapassar o muro, sair do *gueto*, para conviver com os latinos. O pai, ainda de dentro do *gueto*, o acusa: “-Te cambiaste de nombre y de apellido, renegastes del mío, de mi apellido. ¡Renegaste de mí! [...], renegaste de tu identidad, te negaste a tener hijos, a tener descendencia, y me preguntas cuántos errores cometiste. ¡Eres un mal hijo!” (p. 130).

## Conclusão

Apesar de confrontar o pai e de se recusar a falar o *yiddish*, o protagonista vive, na realidade, uma crise identitária. Na comemoração do ano novo judeu, na casa de tia Jane, Alejandro questiona-se: “Si yo también pertenecía a todo aquello, ¿por qué lo negaba? ¿Por qué me oponía a hablar en *yiddish*, si en realidad lo sabía?” (p. 111). Se ele sabia falar a língua dos judeus, porque não a falava? A quem desejava atingir ao negar a tradição judaica? Os conflitos eram diversos: “-El amor, el desamor, el abandono, la soledad, la angustia, mi identidad. Mis peleas con mi padre, Laura” (p. 132). Como sobreviver a eles? Ao se relacionar com a cultura latina, Iósele desafia seu pai e parece que essa é sua maior intenção: renegar tudo aquilo que é caro ao pai, a tradição. Adotar a língua castelhana, namorar uma latina, recusar-se a ter filhos são atitudes que desejam atingir a autoridade paterna. Quando reconhece na figura paterna, ao final da narrativa, a fragilidade de um homem que também é marcado por conflitos, passa a ter mais independência para decidir. É o amigo de seu pai quem lhe chama a atenção para o fato de que o “velho” guarda, em seu silêncio, marcas de uma guerra contra a qual lutou e da qual teve que fugir, deixando para trás o restante de sua família. Ao final da narrativa, o filho compreende o exagero de seu progenitor em preservar a tradição judaica e o esforço por conviver o mínimo possível com a cultura latina. Haim também, por motivos diferentes que o filho, precisou trocar de nome.

Depois, Elías se dá conta de que ter sobrevivido ao holocausto iria lhe custar muito caro. Nunca mais teve coragem de utilizar o sobrenome de seus pais, passou a vida se sentindo um traidor e, ao perceber a recusa do filho em preservar a tradição judaica, desesperou-se. Ao final, pai e filho correspondem ao título da narrativa, ambos tiveram seus nomes emprestados de outra cultura, de outra tradição. O nome, nesse sentido, é a metáfora, a síntese de uma tradição. A perspectiva da relação intercultural que se estabelece é a do conflito. Não há a tentativa de conviver de maneira harmoniosa, principalmente para a concepção do pai, qualquer mistura pode comprometer a integridade da tradição judaica.

No caso das famílias judaicas representadas nas narrativas de Susana Gertopán, o desejo de preservar a tradição em solo latino é o que mantém os imigrantes de judeus unidos, procurando ocupar os mesmos bairros, criando muros simbólicos entre eles e esse outro, o latino americano. O pai de Iósele, além do desejo de preservar sua cultura, nutria a culpa por ter renegado a condição de judeu e adotado o sobrenome de um nazista. Ter sobrevivido significou para ele carregar para sempre a culpa por sua traição. No final, reconciliado com sua história, Iósele se casa com Laura, continua utilizando o castelhano, mas já não se recusa a falar o *yiddish*, nem se recusa a assumir sua condição de judeu nascido em terras latinas. Esse encontro consigo mesmo só é possível depois de compreender os sentimentos do pai e de chorar a sua morte:

Caminé. Caminaba cuando me sentí cansado, muy cansado, agotado. Me senté en el borde de una vereda y lloré, lloré por la muerte de mi padre, lloré por mi padre. Sufría por la ida de aquel viejo que me dejaba solo, por los recuerdos que me legaba, por su confesión, por aquella época de su vida que ignoré. Cómo dolía en

ese momento enterrar a mi padre, pero más me dolía enterrar el pasado.

No podía creer que unos pocos minutos atrás yo había rezado un *kaddish* por Elías Kohenz o Haim Polniaskyn. Qué importancia tenía el nombre. Terminaba de rezar un *kaddish* por un hombre, por un padre, por mi padre (p. 152).

*El nombre prestado* (2000), por fim, representa a angústia daquele que nasceu no Paraguai, que não necessitou fugir, mas que é cobrado por seu pai a respeitar a tradição e a sofrer por aqueles que morreram no holocausto. O protagonista da segunda novela, Alejandro, esforça-se por explicar ao pai que não pode viver pelas experiências que não teve. *El nombre prestado* é, a meu ver, a obra que melhor permite explorar os conflitos do sujeito da diáspora. Até o final de sua vida, Jaim, o pai de Alejandro, cultivará o desejo de voltar ao seu país de origem. Envolvido pelo sonho de retornar à casa, essa personagem rejeita estabelecer relações fora da comunidade e das tradições judaicas.

### Referências:

- ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Literatura, História e Política: literaturas de Língua Portuguesa no século XX*. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2007.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Àvila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. pp. 61-80 e pp. 163-180.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), Vol. XXI (pp. 75-174). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GALINKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e identidade judaica. *INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade*, Vol. 3, No 4 (2008), pp. 89-100.
- HAKHILATÍ, Vaad Hajinuj; BARYLKO, Jaia & STEPAP, Sara. *La Torá el libro de la vida*. Argentina: Consejo Central de Educación Judía de la Republica Argentina, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.*. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, p.68-75, 1996.
- IGEL, Regina. *Emigrantes judeus, escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MELIÁ, Bartolomeu. *El Paraguay inventado*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 1977.
- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.) *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.
- GERTOPÁN, Susana. *El nombre prestado*. Asunción-Paraguai: Servilibro, 2000.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SORJ, Bernardo. Exílio-diáspora, os judeus e Israel. In: FUKS, Saul (Org.). *Tribunal da história: julgando as controvérsias do povo judeu*. Rio de Janeiro: Relume, Centro de História e Cultura Judaica, 2005.
- SUAREZ, Victorio V. *Proceso de la Literatura Paraguaya: perfil histórico bibliografía y entrevistas a los mas destacados escritores paraguayos*. Asunción: Litocolor, 2011 (obra custeada pelo governo pela comemoração dos 200 anos de independência do Paraguai).
- TELESCA, Ignacio (org.). *Historia Del Paraguay*. Asunción: Taurus editora, 2010.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VIEIRA, Nelson H. Estudos culturais judaico-brasileiros e latino-americanos: uma abordagem para mapear o híbrido-diaspórico, In: GRIN, Monica; VIEIRA, Nelson H. *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

VIEIRA, R. S. *Educação intercultural: uma proposta de ação no mundo multicultural*. Unijuí, 2001.